

“MUTOLA”: A ORALIDADE E A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM UM CONTO DE PAULINA CHIZIANE¹

Caroline de Moraes

Daniela de Campos

Resumo: O presente artigo analisa o conto “Mutola”, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, presente na obra *As andorinhas*, observando a potência do texto literário ao estabelecer relações com a oralidade e a representação feminina. Para articular com essa temática, tem-se como objetivo associar aspectos da História e da Literatura por meio de uma análise qualitativa do conto “Mutola”, de Paulina Chiziane, reconhecendo a oralidade como uma forma de narrar histórias e a disparidade imposta entre o feminino e o masculino no contexto moçambicano. Essa investigação tem como base uma narrativa que associa a história de uma águia e a ascensão da personagem Lurdes. A fundamentação teórica está amparada em estudos de Bajard (1994), Leite (2014), Freitas (2020), Saes (2021), Botoso (2021), entre outros pesquisadores. Além disso, o conto selecionado e a obra da escritora moçambicana são alicerces para desenvolver a investigação. Diante deste estudo, evidenciam-se situações estereotipadas vividas pelas mulheres e a negação para a participação em esportes concebidos como masculinos, entretanto, a narrativa prestigia a determinação de uma figura feminina representativa para Moçambique: Maria de Lurdes Mutola.

Palavras-chave: Oralidade. Literatura moçambicana. Feminino. História. Contos.

Abstract: This article analyzes the short story “Mutola”, by the Mozambican writer Paulina Chiziane, present in the work *As andorinhas*, observing the power of the literary text in establishing relationships with orality and female representation. To articulate this theme, the objective is to associate aspects of History and Literature through a qualitative analysis of the short story “Mutola”, by Paulina Chiziane, recognizing orality as a way of narrating stories and the imposed disparity between the feminine and the masculine in the Mozambican context. This investigation is based on a narrative that associates the story of an eagle and the rise of the character Lourdes. The theoretical

1 Título em língua estrangeira: “Mutola’: orality and female representation in a story by Paulina Chiziane”.

foundation is supported by studies by Bajard (1994), Leite (2014), Freitas (2020), Saes (2021), Botoso (2021), among other researchers. In addition, the selected short story and the work of the Mozambican writer are foundations to develop the investigation. In view of this study, stereotyped situations experienced by women and the denial of participation in sports conceived as masculine are evident, however, the narrative honors the determination of a representative female figure for Mozambique: Maria de Lurdes Mutola.

Keywords: Orality. Mozambican literature. Feminine. History. Tales.

Introdução

O texto literário possibilita discussão e reflexão acerca das mais diferentes temáticas envolvidas em distintas culturas e sociedades. No caso das obras moçambicanas, um expoente da literatura é a autora Paulina Chiziane, já reconhecida e lida em vários países. Outros autores moçambicanos de destaque na literatura são Mia Couto, José Craveirinha e Ungulani Ba Ka Khosa. Entretanto, com base na temática da representação feminina em narrativas da literatura moçambicana, optou-se por investigar um conto de autoria também feminina, selecionando, então, Paulina Chiziane, que se identifica com a oralidade e com a contação de histórias em suas narrativas.

Paulina Chiziane nasceu em 1955, na província de Gaza, ao sul de Moçambique. De família protestante, na infância falava as línguas *chope* e *ronga*. Aprendeu português somente mais tarde, ao ingressar numa escola de uma missão católica. Iniciou estudos de Linguística na Universidade

Eduardo Mondlane, não os tendo concluído. Participou da luta pela independência de seu país, ingressando na Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO. Contudo, desvinculou-se do grupo por estar insatisfeita com “as frouxas políticas de combate à poligamia e a consequente aceitação desta como característica da cultura nacional no combate à monogamia do homem branco” (PERTILE, 2013, p. 144). Desgostosa com os rumos que a Frelimo tomou após a independência (1975), Paulina Chiziane participou da Cruz Vermelha, atuando durante os anos da guerra civil (1977-1992). Essa experiência foi importante para a autora e para a construção de seus romances.

Em 1984, Paulina Chiziane começou a publicar contos. Considerando seus romances, a primeira publicação foi *Balada de amor ao vento* (1990), e a partir dessa obra literária, a escritora foi considerada a primeira mulher negra moçambicana a publicar um romance (título que ela renega, pois não se diz romancista, mas sim contadora de histórias). Além disso, o paratexto das orelhas da obra *As andorinhas* (CHIZIANE, 2017) destaca o reconhecimento internacional da autora, sendo representante da literatura africana e a “[...] maior romancista negra dos países de Língua Portuguesa [...]” (CHIZIANE, 2017, orelhas).

Outras obras literárias da escritora moçambicana são *Ventos do Apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *O alegre canto da perdiz* (2008), e *Niketche: uma história de poligamia* (2014). Esta última atribuiu maior notoriedade aos escritos de Chiziane: “muito mais que um romance que descreve a poligamia, é um clamor à volta do matriarcado” (FERRAZ; MARTINS; VIEIRA, 2019, p. 26). Ainda de acordo com as pesquisadoras, “ao ler os romances de Chiziane o leitor mergulha em vários mitos de criação do universo, bem como em mitos femininos. A literatura de Chiziane é um amplo livro de pesquisa sobre mitos africanos femininos” (FERRAZ; MARTINS; VIEIRA, 2019, p. 26-27).

Por intermédio de seus escritos, Paulina Chiziane ganhou o Prêmio José Craveirinha, em 2003, pela obra *Niketche*, e foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2005. Em 2021, a escritora moçambicana venceu o 33º Prêmio Luís de Camões. Os dados mencionados fornecem a dimensão da importância de Paulina Chiziane para a literatura moçambicana e para as literaturas de língua portuguesa. Seus escritos enfatizam o papel da mulher na história e cultura de seu país. Contudo, ainda que seja um aspecto bastante importante de sua obra, as narrativas auxiliam na compreensão da história e da sociedade das diferentes regiões que compõem Moçambique.

Aspectos do colonialismo exercido por Portugal na região e suas perniciosas continuidades são abordados por Paulina Chiziane em contos e romances.

A obra de contos *As andorinhas* (CHIZIANE, 2017) é formada por três textos, a saber: “Quem manda aqui?”, “Maundlane - o criador” e “Mutola”. Para o presente estudo, o último conto é escolhido para análise, considerando os traços da oralidade, a forma como é retratada a narrativa da atleta Mutola e a representação do feminino diante de tantos percalços impostos pela sociedade moçambicana. Assim, o objetivo deste artigo é associar aspectos da História e da Literatura por meio de uma análise qualitativa do conto “Mutola”, de Paulina Chiziane, reconhecendo a oralidade como uma forma de narrar histórias e a disparidade imposta entre o feminino e o masculino no contexto moçambicano. Como embasamento teórico ampara-se em Bajard (1994) e Leite (2014) para tratar de aspectos da oralidade, Freitas (2020) e Saes (2021) para abordar a temática da representação feminina, entre outros pesquisadores. Além desses estudiosos, o próprio conto e a obra *As andorinhas* são basilares para a investigação. Cabe destacar que o presente texto é resultante das análises feitas a partir de projeto de pesquisa intitulado “Diálogos

entre a História e a Literatura: estudo das obras de Paulina Chiziane (Moçambique) e Conceição Evaristo (Brasil) na perspectiva decolonial”, desenvolvido no IFRS – Campus Farroupilha e que conta com auxílio institucional e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS.

A organização deste artigo está estruturada em dois momentos. Na primeira parte abordam-se aspectos da oralidade, reconhecendo Paulina Chiziane como uma contadora de histórias e, por conseguinte, contadora na história de “Mutola”. A análise volta-se aos elementos paratextuais da obra, aos indicativos de oralidade no conto, às referências ao título e à origem do conto. Na segunda parte, analisa-se o conto “Mutola” pelo viés da representação feminina em detrimento de uma sociedade determinada pelo colonialismo, pelo racismo e, em muitos aspectos, pela dominação masculina, em que as mulheres são estereotipadas por características tradicionais. O fechamento do estudo é contemplado por atributos relevantes observados na escrita de Paulina Chiziane, tendo como base o conto “Mutola”.

Oralidade: contar a história de Mutola

Muito já se falou, nas análises acadêmicas, sobre a presença da oralidade nas narrativas ficcionais de autoras e

autores africanos. Ao deparar-se com textos de Mia Couto, Pepetela ou Paulina Chiziane, a oralidade é uma característica que salta aos olhos do leitor atento (considerando que cada um dos autores citados utiliza a oralidade de diferentes formas). Para o caso de Chiziane, aponta-se que essa é uma característica muito marcada em seu texto que, mesmo utilizando a língua portuguesa (a língua da dominação colonial), demarca em sua escrita as características de uma cultura local.

De acordo com Ana Mafalda Leite (2020), podem-se destacar três tipos de apropriação das “oralidades” no texto ficcional de autores do continente africano. Paulina Chiziane se enquadra, segundo a pesquisadora, no terceiro grupo, o menos frequente dentre os três, e que é “utilizado apenas por escritores bilíngues, cujo contato com a ruralidade é mais íntimo e próximo, institui uma relação de diálogo, criando uma espécie de ‘interseccionismo’ linguístico”. Como característica desse grupo, também se nota a alternância de “ritmos diversificados, assim como fazendo irromper, recuperadas, diferentes cosmovisões” (LEITE, 2020, p. 36).

A narrativa literária da moçambicana Paulina Chiziane parte de aspectos da oralidade permeados pela contação de histórias para atingir temas polêmicos acerca do

reconhecimento da mulher no âmbito social. Essa predisposição a contar histórias é observada na contracapa da obra, escrita por Amâncio Miguel, que realça o “[...] poder de contadora de histórias para partilhar o percurso de três personalidades, desafiando o (a) leitor(a) com um debate sobre o passado e o presente de Moçambique” (CHIZIANE, 2017, contracapa).

Nos elementos paratextuais da obra *As andorinhas* (CHIZIANE, 2017), salienta-se o prestígio da autora em virtude de sua produção literária, visto que “[...] seus livros representam artisticamente as vivências ancestrais de seu povo, promovendo o constante diálogo crítico entre a África tradicional e a contemporânea. Por isso, a oralidade habita a sua escrita literária com naturalidade” (CHIZIANE, 2017, orelhas). Na edição moçambicana, a autora utiliza as orelhas do livro para registrar que os três contos desta obra foram histórias contadas por ela ao redor da fogueira (CHIZIANE, 2017, orelhas). Desse modo, os textos de Chiziane aproximam-se da cultura e dos costumes tradicionais de Moçambique, recuperados pela oralidade.

A oralidade é evidenciada em diferentes pontos da obra de Paulina Chiziane, na abertura, antes dos contos, na edição moçambicana, salienta-se que “Este livro nasceu em Luanda

na casa de Helena Zefanias Lowe. Numa noite de conversas intermináveis. [...]” (CHIZIANE, 2016, p. 5). Nesse contexto, entende-se que os contos trazem esse aspecto de conversa, de aproximação e de interação com o leitor. Essa condição de contação também é enfatizada por Amâncio Miguel no texto prefacial da edição moçambicana: “Definitivamente, Paulina Chiziane é mesmo uma contadora de histórias. E histórias. [...]” (MIGUEL, 2016, p. 8).

Esse reconhecimento e identificação com a contação de histórias também está exibido na contracapa de *O alegre canto da perdiz* (CHIZIANE, 2018). Nesse paratexto, a própria autora salienta sua aproximação com o mundo da oralidade: “Dizem que sou romancista [...] mas eu afirmo: sou contadora de histórias e não romancista. Escrevo livros com muitas histórias, histórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte” (CHIZIANE, 2018, contracapa).

O contador tem domínio da narrativa escolhida para contar, por isso as histórias de Paulina Chiziane atingem aspectos sociais que remetem à história de Moçambique. Para Bajard, o contador se identifica com seus pares: “[...] essa identificação se dá diante dos outros e não diz respeito à esfera do privado, mas sim do social” (BAJARD, 1994, p. 95).

Essa relação com o social demonstra o quanto a oralidade e a literatura estão voltadas para o coletivo, de acordo com Bajard, “[...] O enredo [...] equivale a uma arquitetura montada com expressões preestabelecidas que deixa espaços livres para uma língua oral surgida no momento” (1994, p. 105).

Ao investigar um texto ficcional de autoria africana, no caso aqui em tela o conto de Paulina Chiziane, considera-se primordialmente seu lócus de enunciação. De onde Chiziane parte para narrar suas histórias? Claro que essa premissa também é verdadeira para qualquer outro autor de ficção, mas quando trabalhamos com autorias africanas e percebemos a análise desde o ponto de vista não eurocêntrico (ou norte centrado) isso nos parece mais importante.

Os textos de escritores africanos assumem, na maior parte dos casos, um compromisso com a construção dos países que emergem após o período de domínio colonial. A literatura, nesses contextos, também é aquela que vai registrar a História (essa com H maiúsculo) de tempos mais recuados. De acordo com Chinua Achebe, esse compromisso é importante, pois “não é necessário que o povo negro invente um grandioso e fictício passado para justificar sua existência e sua dignidade humana de hoje. O que os negros precisam fazer é recuperar o que lhes pertence – sua história – e narrá-las eles mesmos” (ACHEBE, 2012, p. 66).

Nesse sentido, além dos traços de oralidade presentes nos contos em *As andorinhas*, as histórias narradas são relatos de tempos distintos de Moçambique. No primeiro conto intitulado “Quem manda aqui?”, Paulina Chiziane retoma uma história ouvida muitas vezes na infância. Para os desavisados parece tratar-se apenas de uma boa narrativa, porém a autora apresenta o imperador Gungunhana (ou Ngungunhane), importante chefe político de Gaza (região de Moçambique) que lutou contra o domínio colonial português. O segundo conto “Maundlane - o criador” traz a história de Eduardo Mondlane, líder da Frelimo e das guerras de independência de Moçambique. Já o terceiro conto, objeto de análise deste artigo, narra a história de Maria de Lurdes Mutola, pioneira atleta de seu país. Distintos personagens de diferentes épocas históricas, mas que se relacionam por simbolizar a luta e a resistência moçambicana.

Ademais, os textos escritos por Paulina Chiziane registram vivências e situações de representatividade feminina, com superação de obstáculos. De forma singular, a autora estabelece, por meio da oralidade, uma teia de expressividade que humaniza as histórias retratadas, dando luz aos desafios impostos às mulheres.

[...] obras que tematizam o universo da mulher, com sensibilidade e um apurado

estilo que mescla vocábulos de origem africana e termos da oralidade com a língua portuguesa imposta pelo colonizador; ela tece histórias de mulheres que, mesmo no papel de vítimas, conseguem reverter tal situação e apontam para soluções positivas, resignificando e assinalando novas soluções para tal papel. (BOTOSO, 2021, p. 93)

O conto “Mutola” (CHIZIANE, 2017) está construído em três partes. A primeira traz uma história contada sobre uma águia e as galinhas, a segunda parte exhibe a projeção da mulher e as limitações impostas pela sociedade, e, por fim, a terceira parte confere o desfecho da personagem principal que atinge seus objetivos e ultrapassa as barreiras. A inserção da contação de histórias na vida de Paulina Chiziane advém dos ensinamentos familiares, pois essa tradição oral é permeada pelas histórias que a autora ouvia de sua avó (COSTA; PEREIRA; PEREIRA, 2018).

Na edição moçambicana, o conto tem a inclusão do aposto “a ungida”, seguido do título “Mutola”, revelando a origem do sobrenome da personagem principal. Ao começar a história de Lurdes, o narrador retoma a oralidade mediada pela contação de histórias, ressaltando que “O Chivambo gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quantas podia [...]” (CHIZIANE, 2017, p. 117). No glossário da obra, o termo *Chivambo* é definido

como objeto ou lugar de tortura, nesse caso, a contação desta história serviria como um recado ou um ensinamento amargo, tendo em vista a associação com a tortura.

O conto contempla em seu início o clássico “Era uma vez [...]” remetendo aos contos de fadas que seguem esse formato e também às histórias contadas em rodas, passadas entre as gerações, que utilizam desse mesmo artifício da oralidade. A menção dessa expressão é justificada ao estar abrindo a primeira parte, que trata da narrativa de uma águia que foi colocada no galinheiro, para viver como uma galinha. O dono dos animais queria que a águia vivesse como as galinhas, no entanto, um biólogo defende que a águia deve viver como uma águia. A libertação ocorre apenas na quinta tentativa do biólogo em libertar a águia da vida de galinha. Então, no momento em que o biólogo confronta o animal com o sol, a águia alça voo e desaparece no horizonte.

Essa história oral serve de base e de comparação para a narrativa de Lurdes, que é apresentada na sequência do conto. Por vezes Lurdes está na presença das galinhas, tendo o mesmo convívio, mas, em outros momentos, a personagem se assemelha à águia. Paulina Chiziane vai além da contação de histórias, atingindo esferas sociais e de libertação da mulher: “[...] Mesmo denominando-se como contadora de

histórias, ela é considerada a maior romancista de seu país, seu percurso literário é responsável por engajar a luta pelos direitos e sentidos das mulheres [...]” (SAES, 2021, p. 814).

Para Leite, a oralidade e a literatura são elementos conjuntos quando se trata da cultura africana. A literatura concebe uma transposição dos aspectos orais, tornando-se, assim, próximas a oralidade e a literatura, segundo Leite “[...] A oralidade é também uma atitude perante a realidade e não a ausência de uma habilidade, e a fronteira que separa a literatura da oralidade não é assim tão nítida [...]” (2014, p. 16). De acordo com a pesquisadora, a oralidade é predominante nos países africanos em razão das condições materiais e históricas.

A literatura africana é uma forma de manifestação de diferentes contextos culturais e de vivência. No caso dos contos de Paulina Chiziane, retratam-se aspectos permeados pela visão feminina e relevantes para discussão. Ao trazer distintas situações pelo viés da oralidade, a literatura proposta pela escritora moçambicana representa experiências advindas das comunidades. Quanto à língua e à literatura africanas, Leite reconhece que:

Por razões históricas, o perfil linguístico de cada país africano faz hoje coexistir pelo menos uma língua europeia, que funciona

na maioria dos casos como língua oficial, e um número variável de línguas africanas. A língua oficial tem contribuído, na maioria dos casos, para a realização de uma coesão nacional nestes países pluriétnicos. No que respeita à literatura, ela tem-se desenvolvido, enquadrada dentro desta diversidade linguística [...] (LEITE, 2014, p. 23)

A literatura africana possibilita a percepção da oralidade em associação com a escrita. Como forma de análise, tem-se o exemplo do conto “Mutola” que principia com características da oralidade, por meio da história da águia e das galinhas, para, em seguida, retratar a situação feminina e a vida da personagem central. Assim, o conto é entendido como um texto promissor para valorizar aspectos da oralidade, conforme Leite “[...] é ‘natural’ que um escritor africano use o conto, porque este é o género que permite estabelecer a continuidade com as tradições orais [...]” (2014, p. 28).

De modo semelhante, Afonso entende que o conto africano é “[...] uma escrita que traduz a ruptura e o regresso ao passado, a herança oral da África arcaica e os conhecimentos resultantes da evolução técnica de uma sociedade que ganhou novas exigências” (2004, p. 64). Para a autora, as possibilidades das narrativas curtas são promissoras para a expansão da literatura moçambicana, permitindo a ficção e o real em contrapontos cotidianos.

As narrativas curtas pululam na produção moçambicana como uma totalidade dinâmica, representando o avanço do percurso da literatura deste país, que se tornou cada vez mais independente em relação a um ponto de partida em que a aculturação e a assimilação não permitiam a consciência e a formação de uma entidade literária autónoma. (AFONSO, 2004, p. 37)

No conto de Paulina Chiziane, a oralidade também está presente pela voz dada aos personagens, expressa pelo uso do discurso direto. Os diálogos se tornam mais extensos e relevantes quando os personagens discutem a posição da mulher na sociedade, reforçando o estereótipo feminino. Em contrapartida ao senso comum, Lurdes ganha destaque na narrativa por ter opinião diferente das demais personagens femininas, impondo seu propósito de vida.

A construção do conto “Mutola” proporciona um resgate do título da obra literária, que remete igualmente às andorinhas que vivem livres. No decorrer da história de Lurdes, destaca-se que “As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade” (CHIZIANE, 2017, p. 118). Nesse sentido, tanto o título da obra, quanto o ensinamento inicial do conto recorrem à águia e às andorinhas para simbolizar o desejo de algumas mulheres moçambicanas.

Essa vontade de alçar voo e não ser como todas as mulheres é observado como minoria no conto analisado,

destacando que Lurdes não é como suas amigas e não tem as mesmas preocupações com as tradições femininas. Em uma passagem, Lurdes responde para as amigas que deseja ser mais do que a sociedade propõe e, para isso, utiliza-se da concepção de liberdade das andorinhas: “— As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo [...]” (CHIZIANE, 2017, p. 119-120).

No momento em que a personagem principal atinge o seu ápice, ou seja, um reconhecimento mundial, registrado na terceira parte do conto, o título da obra é resgatado novamente e associado às águias da história contada: “[...] cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio” (CHIZIANE, 2017, p. 124).

Somente ao final da narrativa, na terceira parte, ilustra-se o significado do sobrenome Mutola. De acordo com o conto, “[...] os ancestrais untavam o corpo com óleo sagrado da mafurra. Eles tolam, untam-se. Por isso, lhes chamaram Mutola, os ungidos pelos deuses!” (CHIZIANE, 2017, p. 124). A Literatura mantém-se nessas informações, contemplando uma ficção que se aproxima da vida real.

Maria de Lurdes Mutola é de fato uma atleta moçambicana, que assim como o conto de Paulina Chiziane,

tentou jogar futebol, mas foi afastada por ser mulher. Mutola teve reconhecimento no atletismo em corridas de 800 metros, ganhando medalha de ouro nas Olimpíadas de Sydney. Conforme Freitas, “Lourdes Mutola é um exemplo de várias superações para as mulheres moçambicanas, é uma águia de ouro com asas blindadas pelo constante exercício de humanização e aprimoramento social, desvinculado de qualquer repressão de raça, classe e gênero” (2020, p. 73). Esse ícone feminino e sua trajetória são motivo de reflexão para o próximo tópico.

Mutola: A águia feminina

A escrita de Paulina Chiziane é engajada com situações que retratam o papel feminino diante de uma sociedade adversa. De forma simples e direta, com o apoio dos recursos da oralidade e reconhecendo o desembaraço possibilitado pela contação de histórias, a escritora dá luz à narrativa de Mutola, atleta moçambicana representante do país nas Olimpíadas. Por intermédio do conto, Lurdes é relacionada à águia que se observa diferente das galinhas e alça voo em direção do sol, potencializando a representação feminina na literatura moçambicana.

O conto exhibe uma definição do que é ser mulher, as amigas de Lurdes trazem essa concepção de atributos que

as mulheres devem ter: “[...] Por exemplo, ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos [...]” (CHIZIANE, 2017, p. 119). Nesse caso, a serventia da mulher é estereotipada, tendo a vida em prol da família e do marido, não reconhecendo valores intrínsecos, não dando voz para que a mulher seja o que quiser.

Esse conceito preconizado da figura feminina que deve sua existência para servir aos demais é registrado nos estudos de Costa, Pereira e Pereira, que analisam o espaço, o tempo e o feminino na obra da autora. Para os pesquisadores, o registro do espaço está atrelado ao condicionamento da mulher no contexto social. Desse modo, no conto, “[...] o espaço é de luta pelos direitos individuais dentro da vida social, no lugar em que a mulher é objeto e que o máximo que se deve esperar para ela é cuidar da casa, do marido e dos filhos [...]” (COSTA; PEREIRA; PEREIRA; 2018, p. 82).

De acordo com Freitas, as produções literárias moçambicanas são formas de expressar emoções femininas e de abordar criticamente os elementos sociais que centralizam o poder masculino, baseados nas concepções eurocêtricas.

[...] As narrativas de Chiziane são verdadeiros tratados feministas, uma vez que as personagens criadas por ela possuem um

discurso político e reivindicador de um território que só pode ser dominado pelas mulheres, mesmo que seja construído por palavras e emoções. (FREITAS, 2020, p. 73)

Em análise ao conto “Mutola”, no momento em que Lurdes relata para as amigas que gosta de jogar futebol, recebe críticas acerca da formação do corpo: “– Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez” (CHIZIANE, 2017, p. 120). Diante disso, observa-se que as mulheres contemporâneas de Lurdes entendem que o corpo feminino deve servir ao homem, seguindo um molde pré-determinado socialmente.

Essa mesma cena é retratada no paratexto do prefácio da obra, de autoria de Amâncio Miguel, na edição publicada em Moçambique. Para o prefaciador, “[...] A sexualidade [...] foi questionada por outras mulheres porque, entre tantas ‘anomalias’, nada fazia para ter uma pele lisa, como o caju, para agradar aos homens. Foi pontapeada por se intrometer em coisas masculinas” (MIGUEL, 2016, p. 7). Nesse caso, destaca-se a relevância para a aparência do corpo feminino, que deve atingir padrões impostos pela sociedade e satisfazer os desejos masculinos.

Em oposição ao entendimento feminino, Lurdes se mostra como a águia da primeira parte do conto, disposta a seguir os sonhos e reconhecer-se como diferente das outras mulheres: “[...] deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada” (CHIZIANE, 2017, p. 120). A personagem não se deixa levar pelos preceitos instituídos pela sociedade e defende a vontade de realizar os próprios sonhos, avançando de modo contrário ao que preconizava a sociedade moçambicana da época.

Por seguir o seu propósito, Lurdes se destaca no jogo de futebol e marca gol: “No dia da partida, ela jogou futebol com mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo” (CHIZIANE, 2017, p. 120-121). Em virtude desse gol surgem os questionamentos por Lurdes ser mulher e estar num grupo majoritário masculino.

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher? Como podiam abraçá-la, amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem? (CHIZIANE, 2017, p. 121)

Essa inquietação masculina é perpassada ao narrador da partida de futebol que não sabe como transmitir essa informação, “[...] Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. [...]” (CHIZIANE, 2017, p. 121). O narrador enfatiza essa singularidade, registrando que “[...] As mulheres, normalmente, não jogam futebol” (CHIZIANE, 2017, p. 121).

Em razão desse destaque ao desempenho de Lurdes na partida de futebol, os homens sentem-se desconfortáveis, pois perdem espaço para uma mulher, “[...] os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens” (CHIZIANE, 2017, p. 121). Nesse trecho, tem-se uma possível associação a história inicial da águia e das galinhas. Para o treinador esse destaque de Lurdes também não foi bem visto, indicando que Lurdes não poderia continuar na equipe.

O treinador do time adversário lança xingamentos aos seus jogadores, utilizando como base as diferenças culturais entre homens e mulheres. Nesse caso, observa-se a distinção e a inferioridade atribuída à figura feminina, que é utilizada como argumento para ofender o desempenho dos jogadores homens. Além disso, o treinador relaciona a situação com os animais apresentados no princípio do conto:

– Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela, sim, tem muito valor. É uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me! (CHIZIANE, 2017, p. 122)

Como resultado dessa partida e do reconhecimento de excelência de Lurdes, ela é afastada do time por um decreto. Além do manifesto masculino pela exclusão de Lurdes do futebol, as mulheres também comemoraram esse afastamento, apoiando uma atitude que vai de encontro aos seus próprios interesses. Então, essas comemorações em prol do afastamento da jogadora é festejada tanto por homens quanto mulheres, evidenciando ensinamentos advindos de uma sociedade patriarcal, marcada pelo colonialismo e pela moral cristã.

As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma *miss* escovada e lisa como uma boa montada. Os homens celebraram. Porque é mesmo incômodo ter um rival no feminino. Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens. (CHIZIANE, 2017, p. 122, grifo da autora)

Diante desse posicionamento de homens e de mulheres, confirma-se Lurdes como a representação da águia, ou seja,

diferente de todas as galinhas, retomando os ensinamentos da contação de histórias oralizadas entre as gerações. A narrativa de Lurdes é propagada pelos diversos meios de comunicação, gerando discussão e reflexão de vários grupos. Em contrapartida, essa divulgação do afastamento da personagem gera novas especulações. A possibilidade de representação feminina é examinada por Afonso, que entende os textos literários moçambicanos como “[...] uma forma de resistência activa, memória de um combate que permanece presente porque continua a suscitar a emoção e o sofrimento, isotropia privilegiada da criação literária do país” (2004, p. 317).

No decorrer do conto, um homem reconhece em Lurdes as atribuições da águia. Pelo ponto de vista desse homem, ele diz para Lurdes: “— Menina, tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses” (CHIZIANE, 2017, p. 123) e “— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!” (CHIZIANE, 2017, p. 123). Esse homem pode ser associado ao biólogo na primeira parte do conto, que estimula a águia a voar. Mesmo diante dessas palavras de incentivo, Lurdes tem medo e não voa, assim como a águia no início do conto. Somente quando encontra o “dourado solar”, Lurdes alça voo e vai ao horizonte, sendo considerada uma águia de ouro.

Essa constatação é observada no final da segunda parte do conto, reconhecendo que o time perdeu a águia para ficar com as galinhas: “[...] Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceberem que a verdadeira águia de ouro era ela!” (CHIZIANE, 2017, p. 123). De forma crítica, a narrativa reforça que “[...] a escrita de Paulina está comprometida com a libertação das mulheres moçambicanas – e de todas as mulheres – em todas as experiências romanescas da autora” (SAES, 2021, p. 824).

Na terceira parte do conto, após abandonar o futebol, a personagem principal dedica-se ao atletismo, sendo conhecida como Maria Mutola. O destaque continua no outro esporte assim como a relação com a águia: “Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa [...]” (CHIZIANE, 2017, p. 124). Esse reconhecimento é exposto na narrativa:

Águia real, ela vai ao encontro dos deuses.
De lá, nos traz os cálidos raios de sol que
confortam as nossas almas e iluminam as
noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha
acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa
até alcançar o trono dourado do Zulwine, o
Olimpo! (CHIZIANE, 2017, p. 124)

No fechamento da narrativa de Paulina Chiziane, Maria de Lurdes Mutola é exaltada como águia, sendo diferente

das demais mulheres e alcançando espaços que não eram femininos. No glossário da obra, Zulwine é o termo para definir céu, paraíso, desse modo, a personagem feminina atinge sua plenitude. Por fim, Mutola recebe o agradecimento de seu povo por ser desbravadora, nomeada como águia dos deuses.

Considerações finais

A Literatura e a História possibilitam a análise do texto literário, considerando as representações sociais que estão presentes nas narrativas africanas de Língua Portuguesa. Nesse caso, a obra de Paulina Chiziane permite uma discussão acerca dos aspectos sociais e culturais moçambicanos. Diante disso, o conto “Mutola” é observado pelo viés da oralidade e também pela concepção da representação feminina em um ambiente tradicional, ponderado pelo patriarcalismo, em boa medida herdado da dominação colonial. A personagem principal está correspondida pela figura da águia, assim, o próprio texto literário se retroalimenta de informações para além da ficção.

A contação de histórias está na origem dos escritos da moçambicana Paulina Chiziane, posto que ela indica as situações em que as narrativas são oralizadas. Por conseguinte, entende-se que os textos literários da autora,

incluindo o conto selecionado para o presente estudo, trazem histórias que são contadas em rodas de conversas e ao redor da fogueira, valorizando um ritual advindo de outras gerações. Esse momento informal de contação de histórias, em que a oralidade é o instrumento central, evidencia a Literatura e a História sendo perpassadas por distintas narrativas que retomam vivências de povos africanos.

Por meio deste estudo, constata-se que a Literatura está vinculada à oralidade e à contação de histórias. A obra literária apresenta evidências mediante as informações expostas nos elementos paratextuais, como a contracapa e o prefácio que trazem esclarecimentos acerca da escritora e dos contos, reforçando a relevância da narrativa moçambicana. Os paratextos exibem a aproximação da escritora com a oralidade e a contação de histórias que podem ser identificadas no conto analisado.

A oralidade é percebida pelo discurso direto que potencializa a voz da personagem principal, Lurdes, expondo a fala da representante feminina em contextos adversos. Outra referência singular à contação de histórias é notada pelo uso da expressão “Era uma vez [...]”, comprovando a abertura de uma narrativa, geralmente, apresentada de forma oral. Nesse sentido, compreende-se a importância da

estrutura do conto, para prestigiar o desenrolar da história de Lurdes, associando oralidade e representação feminina.

“Mutola” retrata a história de Lurdes, uma mulher águia que destoa de seus pares. A imagem feminina está associada ao contexto de libertação, tendo como paralelo a andorinha e a águia. A narrativa do conto dispõe da figura da andorinha que remete ao título da obra e a condição de águia que está abordada na abertura do conto, ambas identificadas como símbolos de libertação. Com isso, atesta-se que o texto literário é plurissignificativo, por conduzir a trajetória de Lurdes de forma concatenada com a libertação das aves e também com a libertação da mulher em uma sociedade patriarcal.

Com base no exposto, a História é ponderada por intermédio da narrativa, certificando uma situação em que a representação feminina é colocada em discussão, trazendo posições de mulheres e homens que são propulsores de uma sociedade machista, em que a mulher não pode se destacar ou ser melhor do que o homem. A narrativa de “Mutola” desmistifica esse ensinamento e desconstrói a percepção de que a mulher é destinada para servir ao marido. Por fim, Lurdes vence os obstáculos relacionados ao preconceito por ser mulher e ultrapassa a barreira imposta pelos padrões sociais.

Diante disso, o presente artigo reforça a expressividade da narrativa moçambicana e o reconhecimento da escritora Paulina Chiziane para o cenário literário de Língua Portuguesa. De forma simples, pelo viés da oralidade, a história de vitória da atleta Maria de Lurdes Mutola é retratada pelo conto literário, mostrando a ascensão de uma personagem feminina moçambicana.

Referências

- ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sobre o protetorado britânico*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- AFONSO, Maria Fernanda. *Conto Moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.
- BAJARD, Elie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BOTOSO, Altamir. Nuances do feminino nos escritos de Paulina Chiziane. In: VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fabio Mario da; BOTTON, Fernanda Verdasca; BOTTON, Flavio (Orgs). *Todas as musas: Revista de literatura e das múltiplas linguagens da arte*, n. 1, ano 13, jul.-dez., p. 90-100, 2021.
- CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Maputo: Matiko & Arte, LDA, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- COSTA, Eliane; PEREIRA, Flávio; PEREIRA, Márcia Regina Santana. O feminino, tempos e espaços em *As Andorinhas* de Paulina Chiziane, e em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. *Revista Porto das Letras*, v. 04, n. 02, p. 78-89, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4314>. Acesso em: 13 set. 2022.

FERRAZ, Salma; MARTINS, Patrícia Leonor; VIEIRA, Márcia Mendonça Alves. *Dicionário de personagens da obra de Paulina Chiziane*. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

FREITAS, Sávio Roberto Fonsêca de. Sobre uma águia chamada Mutola. *Mulemba*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 12, n. 23, jul.-dez., p.70-79, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39270>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 2014.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais*. Estudos sobre literaturas africanas. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

MIGUEL, Amâncio. Prefácio. In: CHIZIANE, Paulina. *As andorinhas*. Maputo: Matiko & Arte, LDA, p. VII-VIII, 2016.

PERTILE, Ana Paula. Chiziane, Paulina, Balada de amor ao vento. 5.ed. Maputo: Ndjira, 2010. *Confluenze*. Rivista Di Studi Iberoamericani, v. 5, n. 2, p. 144-148, 2013.

SAES, Stela. Trajetória contemporânea em territórios africanos: as experiências romanescas de Paulina Chiziane em Moçambique e Sefi Atta na Nigéria. *Caderno Seminal: Estudos de Literatura*, n. 39, p. 798-836, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/58529/39646>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Caroline de Moraes

Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, 2020.

Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Farroupilha.

Pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa: “Pesquisas em Educação, Sociedade e Trabalho”; pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa: “Dimensões artísticas e educativas do PNLD literário 2023: formação do leitor”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0737210924912847>.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-6888-1516>.

E-mail: caroline.morais@farroupilha.ifrs.edu.br.

Daniela de Campos

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - *Campus Farroupilha*.

Líder do Grupo de Pesquisa “Pesquisas em Educação, Sociedade e Trabalho”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3233244381103913>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6737-7764>.

E-mail: daniela.campos@farroupilha.ifrs.edu.br.